

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PALEOGEOGRAFIA DA ÁREA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Niède Guidon

Resumo

Neste artigo publicamos os resultados obtidos em algumas das escavações realizadas com o objetivo de obter dados sobre as mudanças climáticas havidas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e seus reflexos na paisagem e nos assentamentos pré-históricos. Diversos pesquisadores de nossa equipe estão trabalhando dentro dos quadros teóricos da Arqueologia da Paisagem. Pareceu-nos que, para poder pesquisar sob este ângulo, seria necessário poder, ao longo do tempo, conhecer o contexto ambiental regional. Por essa razão, direcionamos as escavações, buscando sítios que ocupam diferentes nichos na paisagem e diferentes redes de drenagem.

Abstract

This article publishes the results obtained in some of the excavations made with the purpose of obtaining data on climatic changes in the region of the Serra da Capivara National Park and their impact on the landscape and pre-historic settlements. Various researchers from our team have been working within the theoretical specialties of Landscape Archaeology. Our impression is that research within this perspective would require prior knowledge of the regional environmental context. Therefore, excavations were oriented in pursue of sites occupying different niches of the landscape and different drainage systems.

Toca do Deitado

O sítio Toca do Deitado é um abrigo sob rocha, situado no fundo do Baixão da Vaca, estreito vale que desemboca no Desfiladeiro da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara (**mapa 1**). Suas coordenadas são UTML 775998 e UTMN 9029729.

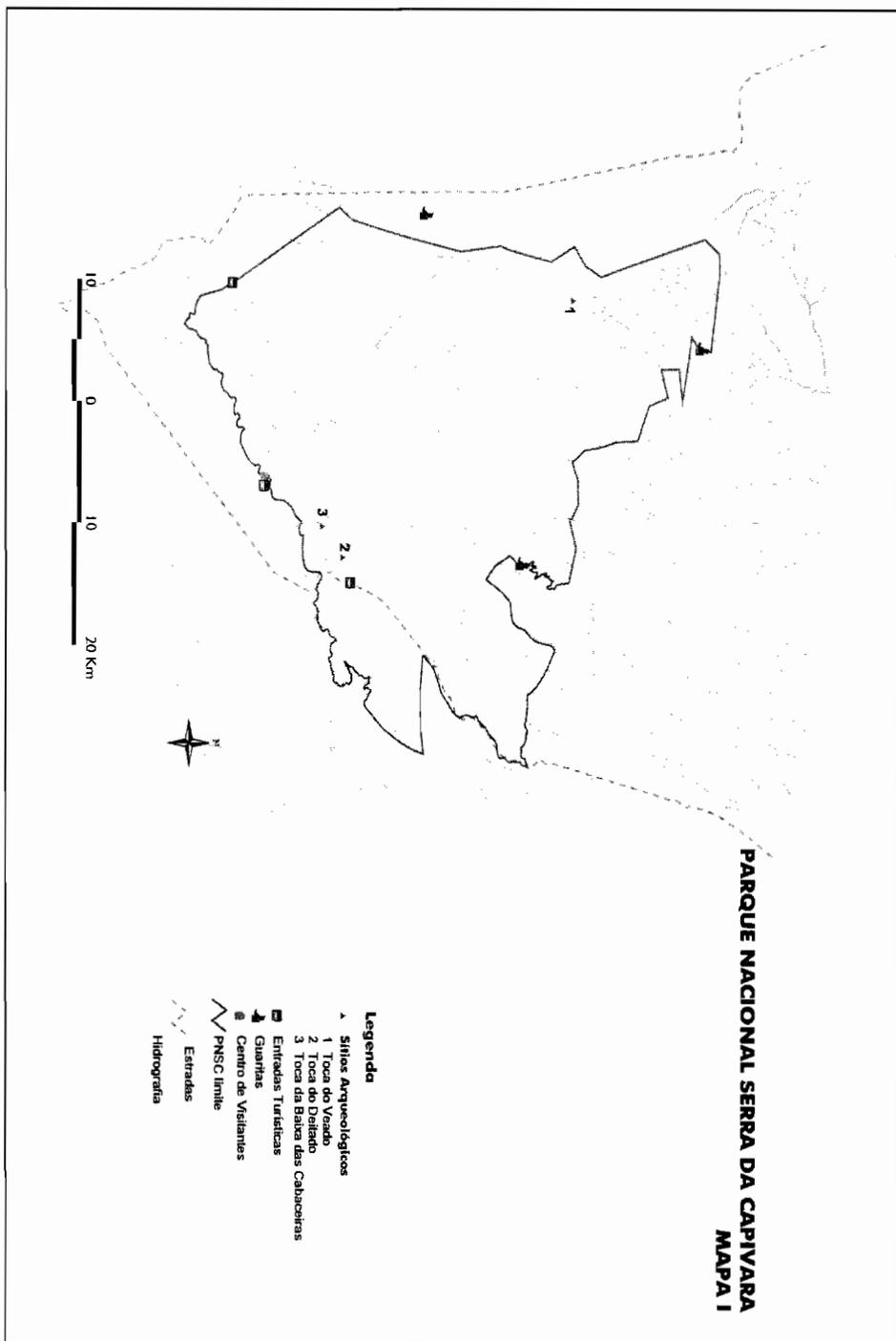
Durante anos a existência de pinturas nesse local passou despercebida porque se tratava de um abrigo muito pequeno e baixo, o teto não distava mais do que cerca de 40 cm do solo e enormes montículos de terra, demarcando formigueiros, escondiam as figuras. Somente quando um guia deitou-se entre os formigueiros é que foi possível ver as pinturas. Por essa razão, o nome dado ao sítio foi Toca do Deitado.

As figuras estavam ao nível do solo atual e foi possível verificar que havia uma torrente que, durante as épocas de chuva, estava passando junto à parede, já tendo estragado bastante as pinturas. Por isso decidimos escavá-lo a fim de proceder aos trabalhos visando salvar esses painéis que, se continuassem sendo lavados pelas enxurradas, desapareceriam rapidamente.

A escavação foi precedida pelo levantamento topográfico, gerando o plano em curvas de nível do abrigo (**Figura 1**).

À medida que as decapagens foram sendo realizadas, novas figuras foram aparecendo na parede de fundo. Os vestígios encontrados, estruturas e indústria lítica, mostraram que se tratava de um sítio acampamento utilizado esporadicamente. Foram encontradas diversas fogueiras estruturadas e grande quantidade de peças líticas.

Os resultados mais interessantes dessa escavação são, além do grande número de figuras rupestres descobertas abaixo do nível atual do solo e, portanto, salvas da destruição, a evidência da maneira como o sítio foi utilizado e a demonstração de que, durante a ocupação pré-histórica, o *canyon* era ocupado por um rio. As camadas superficiais continham, unicamente, vestígios dos agricultores modernos que, desde há cerca de 60 anos, desmataram e cultivaram esse vale. Tratando-se de uma fenda estrutural, no planalto, o vale recebe toda a água dos dois lados, a qual desce com grande energia. Durante as épocas mais úmidas, até cerca de 8000 anos B.P., essas águas tinham energia para carregar os sedimentos, correndo sobre a rocha. No abrigo, as fogueiras mais





antigas estavam em zonas planas, limitadas e próximas à parede pintada. Elas foram preservadas porque a parte do abrigo que fica a montante está protegida por enormes blocos que desmoronaram da falésia. Esses blocos retiveram sedimentos entre eles e formaram uma elevação, razão pela qual as torrentes não destruíram as estruturas arqueológicas dentro do abrigo, sendo desviadas para o outro lado do boqueirão.

As três datações realizadas permitiram definir os diferentes momentos e alturas da corrente do rio no vale (**Figura 2**). Evidentemente, à medida que as chuvas diminuíram e o leito do rio foi baixando, os acampamentos foram feitos mais perto da água, sendo portanto, mais profundos em relação ao solo atual. Assim, a fogueira mais alta, a nº 17, tem a data calibrada BP 9510 a 9260 anos (BETA 163855), a que está mais abaixo, a nº 18, tem a data calibrada BP 6290 a 6000 (BETA 163854). Finalmente, um pequeno fragmento de carvão proveniente da parte mais baixa atingida pela escavação forneceu uma datação AMS de 4250 +/- 65 anos BP (Ua-18964). A **figura 3** mostra o fundo do abrigo e as fogueiras que foram preservadas *in situ*.

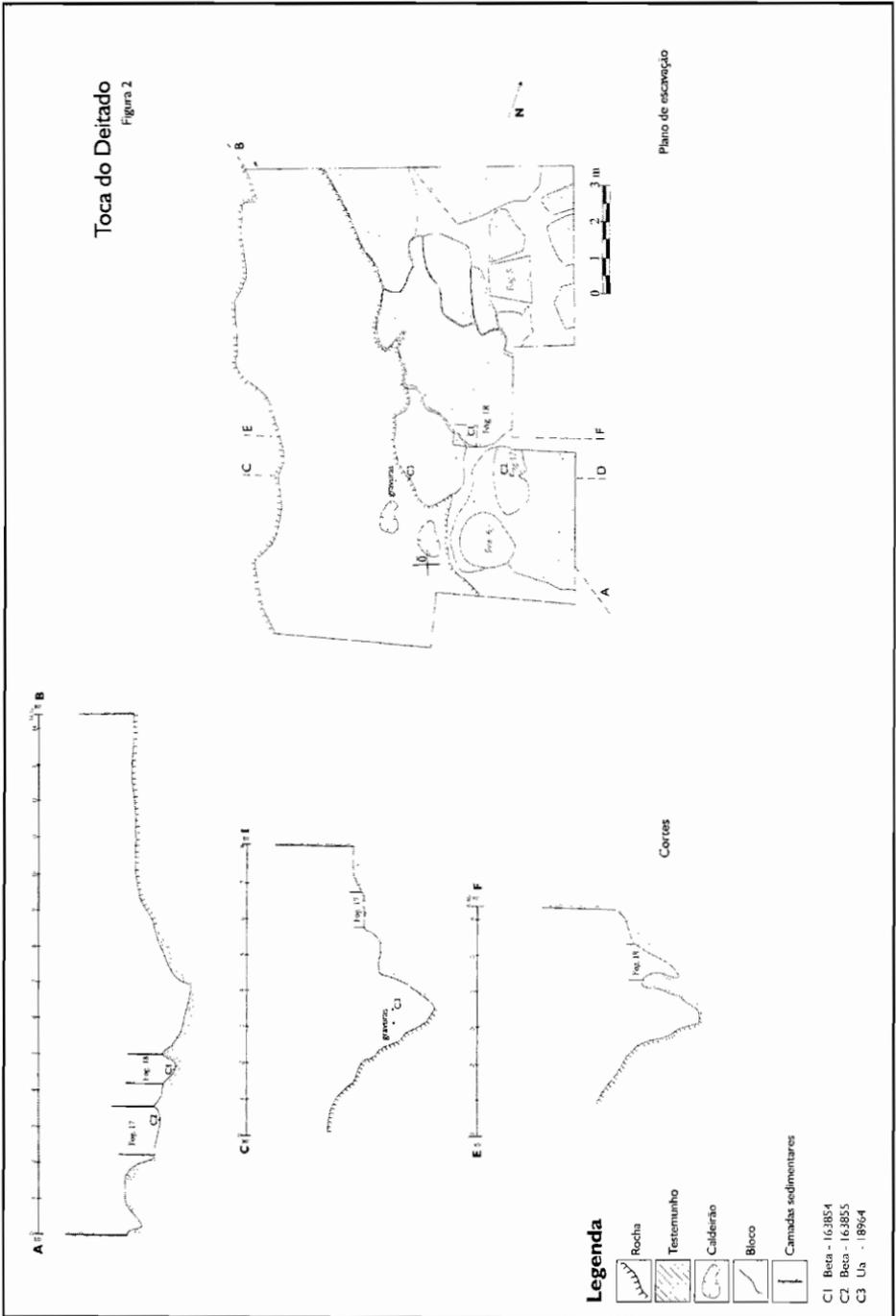
Em seguida, com o novo regime climático, as águas não têm mais a energia necessária para carrear os sedimentos, os quais vão se acumulando e cobrindo o vale, as fogueiras pré-históricas e as pinturas. Com o desmatamento, as queimadas anuais e o cultivo da área, o assoreamento foi acentuado e o abrigo desapareceu quase que completamente. O desnível entre a camada na qual foi encontrado o carvão, datado em 4250 anos, e o solo atual, fornece a espessura da camada de sedimentos que se depositou nesses últimos 4 milênios.

Toca da Baixa das Cabaceiras

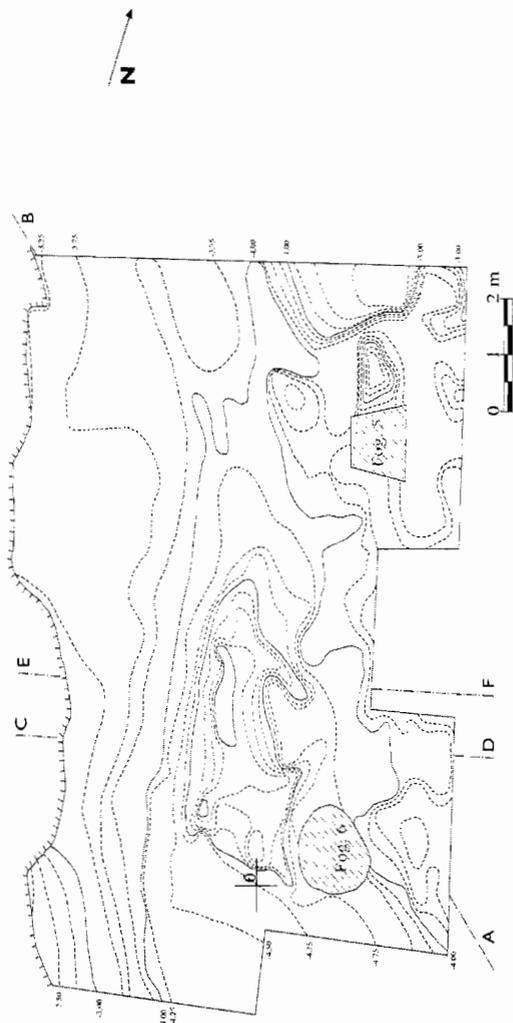
Este sítio com pinturas rupestres é um abrigo profundo, baixo, de forma circular. Apresentava pinturas próximas ao solo atual, razão pela qual foi escolhido para ser escavado. Suas coordenadas são UTML 773311 e UTMN 9027762; encontra-se no primeiro rebordo do alto da chapada (**Mapa 1**).

A escavação cobriu os meses de julho e agosto de 2001 (**Figura 4**). Foram descobertas 13 fogueiras estruturadas e material lítico. As peças líticas estão cobertas por uma camada de silt amarelo que se colou à rocha de tal maneira que foi impossível retirá-la, seja com escovas, deixando-as de molho na água, com ácido clorídrico ou com ácido muriático. É difícil ler os detalhes técnicos de lascamento, verificar se há retoques ou marcas de uso, pois todos esses

Toca do Deitado
Figura 2



Toca do Deitado
 Figura 3



Legenda

-  Rocha
-  Testamunho
-  Curvas de nível

Plano final em curvas de nível
 Equidistância 0,25 m

detalhes estão encobertos pelo silt. Isso demonstra que houve uma torrente que trazia água para dentro do sítio contendo a argila fina que caracteriza o solo do alto do planalto. Essas peças ficaram, portanto, mergulhadas nessa água barrenta e, quando o clima mudou e a água secou, o barro colou-se às mesmas. São, portanto, um excelente indicador da época do início da mudança climática.

Foram descobertas painéis de pinturas que estavam cobertos pelos sedimentos.

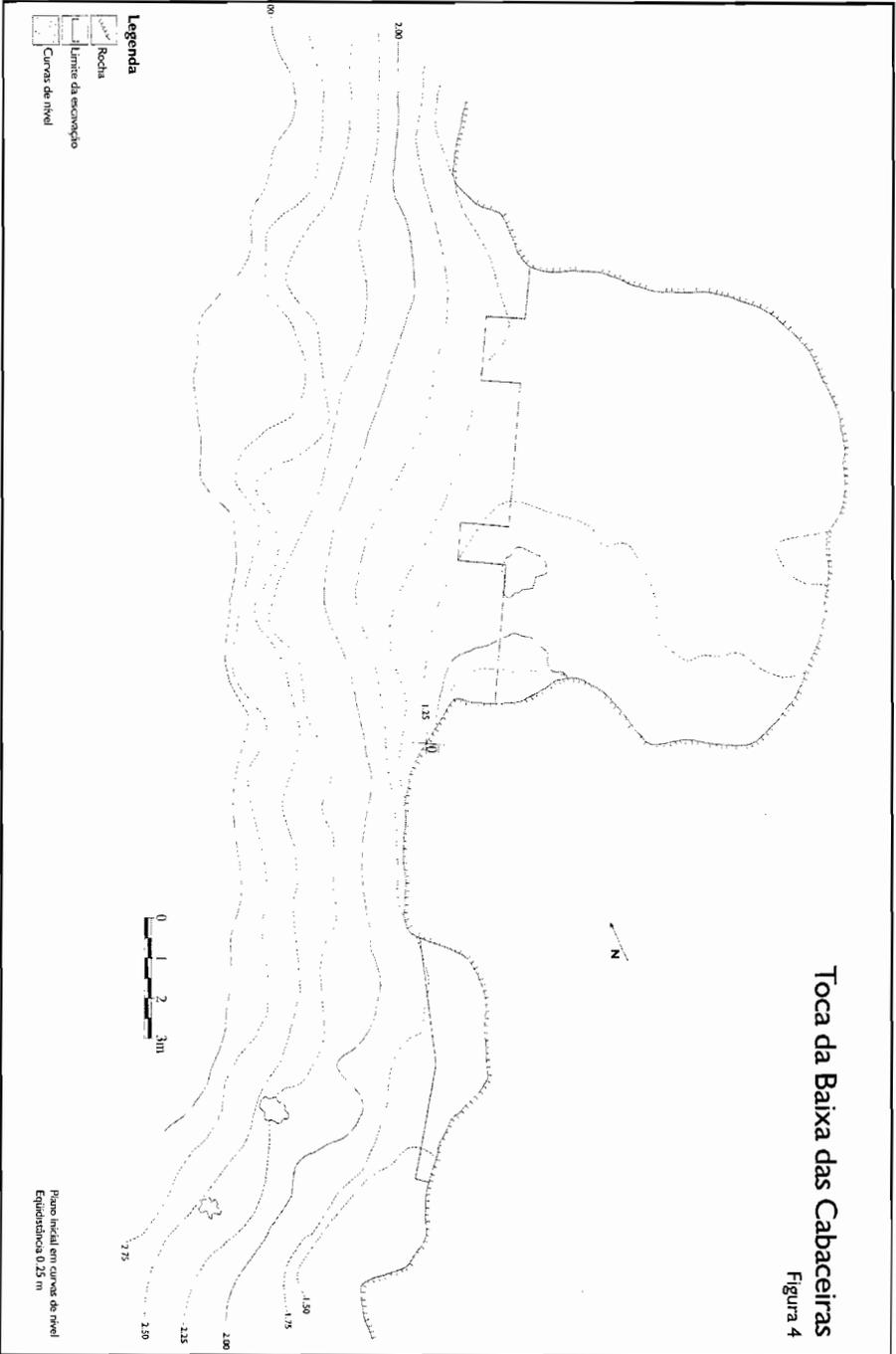
O abrigo foi formado por uma torrente turbilhonante. A camada de sedimentos era rasa; a parte mais profunda era a central. No solo rochoso podem-se ver claramente os caminhos da água desde sua entrada no sítio até a saída para a descida que vai para o fundo do *canyon*. Evidentemente, a sedimentação somente teve início quando o regime das chuvas começou a mudar e as mesmas tornaram-se menos violentas, não lessivando mais a rocha da base do sítio.

As datações obtidas demonstram que a água passava pelo interior do abrigo até cerca de 10000 anos como demonstra a datação obtida para a fogueira 9, apoiada sobre o solo rochoso: Cal BP 10150 a 9580 (Beta-159040). Isso corrobora os dados definidos pelas escavações feitas em abrigos situados na base dos vales, onde, por volta de 9000 anos, o nível dos rios baixou. A mudança na quantidade de precipitações pode ter começado por volta de 10000 anos e se fez notar logo no alto porque as enxurradas eram menores. No fundo dos vales, o nível dos rios deve ter baixado, mas, como podia subir em momentos de enchentes, somente foram ocupados os níveis mais baixos, quando a diminuição das precipitações foi suficientemente importante para que nunca mais houvesse enchentes acima dos níveis ocupados. Podemos aventar a hipótese de que as pinturas descobertas pela escavação, situadas abaixo do solo atual, correspondem a essas ocupações mais antigas.

Decidimos deixar os vestígios de 3 fogueiras (**Figura 5**), praticamente imbricadas, como testemunho. Em uma delas está um grande seixo que serviu de núcleo, mostrando as cicatrizes das lascas retiradas. As datações obtidas para o nível médio de duas dessas fogueiras são:

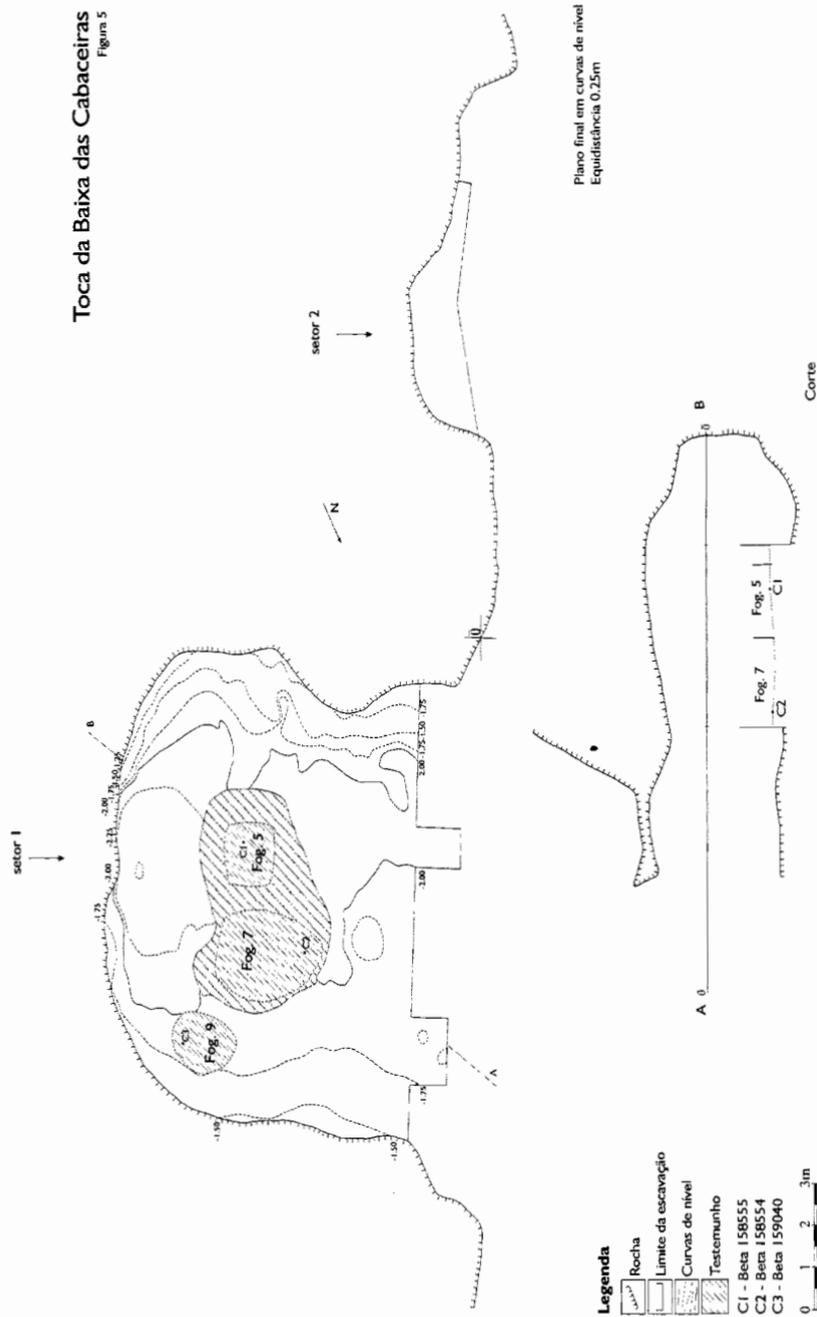
- fogueira 7 Cal BP 9780 a 9530 (Beta 158554);
- fogueira 5 Cal BP 9020 a 8560 (Beta 158555).

Talvez uma datação de carvões dessas duas fogueiras, junto à base rochosa, desse o mesmo resultado obtido para a fogueira 9.



Toca da Baixa das Cabaceiras

Figura 5



Desse modo, fica demonstrado que foi a partir de cerca de dez mil anos que os vestígios das ocupações humanas foram preservados dentro desse abrigo porque a enxurrada já não mais tinha potência para inundá-lo.

Toca do Veado da Serra Branca

Este sítio, localizado pelas coordenadas UTML 753966 e UTMN 9051607 (**Mapa 1**), foi descoberto em 1975 e, na ocasião, grandes veados, com mais de 2,50 m de comprimento, pintados no paredão rochoso eram bem visíveis. Na parte baixa do abrigo, ao norte, existiam painéis de pinturas no teto e na parede.

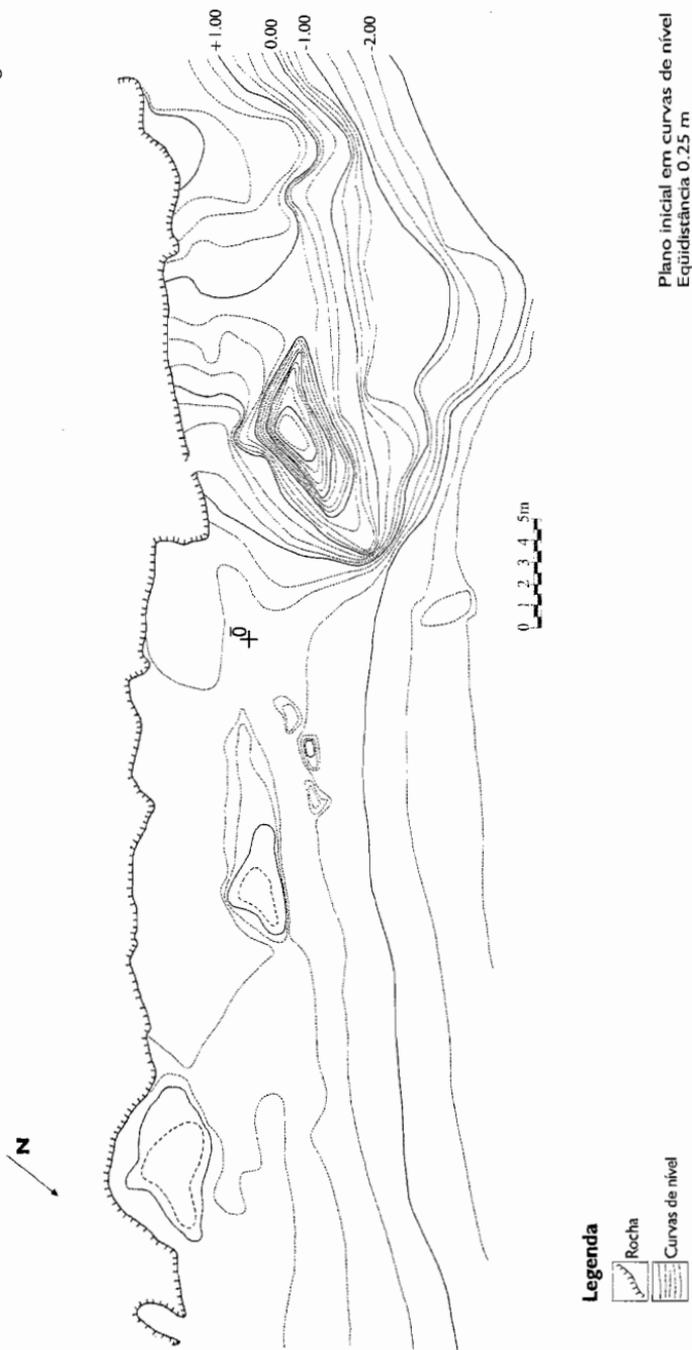
Devido à dificuldade de acesso, este sítio ficou vários anos sem ser visitado. Em 2000, estivemos no sítio, verificando que as pinturas do paredão alto estavam em grave processo de destruição, algumas já muito pouco visíveis.

Estudando as razões dessa situação, pudemos estabelecer que o sítio havia sofrido com o incêndio que devastou o vale nos anos de 1984 e 1986. As grandes árvores que antes cobriam a parte frontal do sítio haviam queimado, ficando somente uma vegetação mais baixa. O sol e a chuva, em dias de vento, batem frontalmente nas pinturas. No paredão haviam se formado líquens que, durante a estação seca, morrem, formando uma camada preta de matéria orgânica, que cobre as figuras.

Na parte baixa do sítio, as pinturas haviam desaparecido. O chão estava coado de placas de arenito caídas da parede e do teto. A areia depositada estava quase tocando o teto. Era evidente que o calor do fogo havia feito explodir a rocha, destruindo as pinturas. As fendas que servem de escoadouro de água do alto da chapada para o vale, estavam trazendo água que carregava areia para dentro da parte baixa do sítio, tendo coberto as pinturas. Aliás, todo o vale da Serra Branca está em franco processo de assoreamento. Em 1975, os rios ainda corriam nessa região; hoje, todos os leitos estão transformados em fitas de areia. O desmatamento e o fogo anual ateados por criadores de gado originaram processos erosivos que mudaram completamente a fisionomia do vale.

Para salvar as pinturas, era necessário escavar o sítio, construir muretas para afastar a água das chuvas e, principalmente, cobrir o paredão pintado. Esses trabalhos foram realizados em 2001 (**Figura 6**), tendo o CNPq, através de um programa PRONEX, financiado as pesquisas e o Ministério da Cultura, os tra-

Toca do Veado
 Figura 6



balhos de salvamento. O sítio foi transformado em museu a céu aberto. Uma fogueira estruturada foi conservada.

Como a 90 m do paredão da Toca do Veado existe um outro sítio, a Toca do João Arsená, escavamos uma trincheira (**Figuras 7 e 8**) ligando os dois sítios, chegando até à base rochosa. Assim, ficou evidente que a Toca do João Arsená, como muitos outros sítios da região, ocupava uma ilha. A Toca do Veado ocupa a base da margem esquerda do rio, João Arsená fica na ilha, separados os dois sítios por um braço do rio que corresponde à foz de um pequeno afluente que nascia na serra, atrás da Toca do Veado, onde hoje existe um “caldeirão”, isto é, um depósito natural de água de chuva. Foi possível encontrar os canais por onde a água corria para o vale principal, e nossa hipótese é a de que, nos meses mais secos, o braço de rio devia permitir passagem a vau.

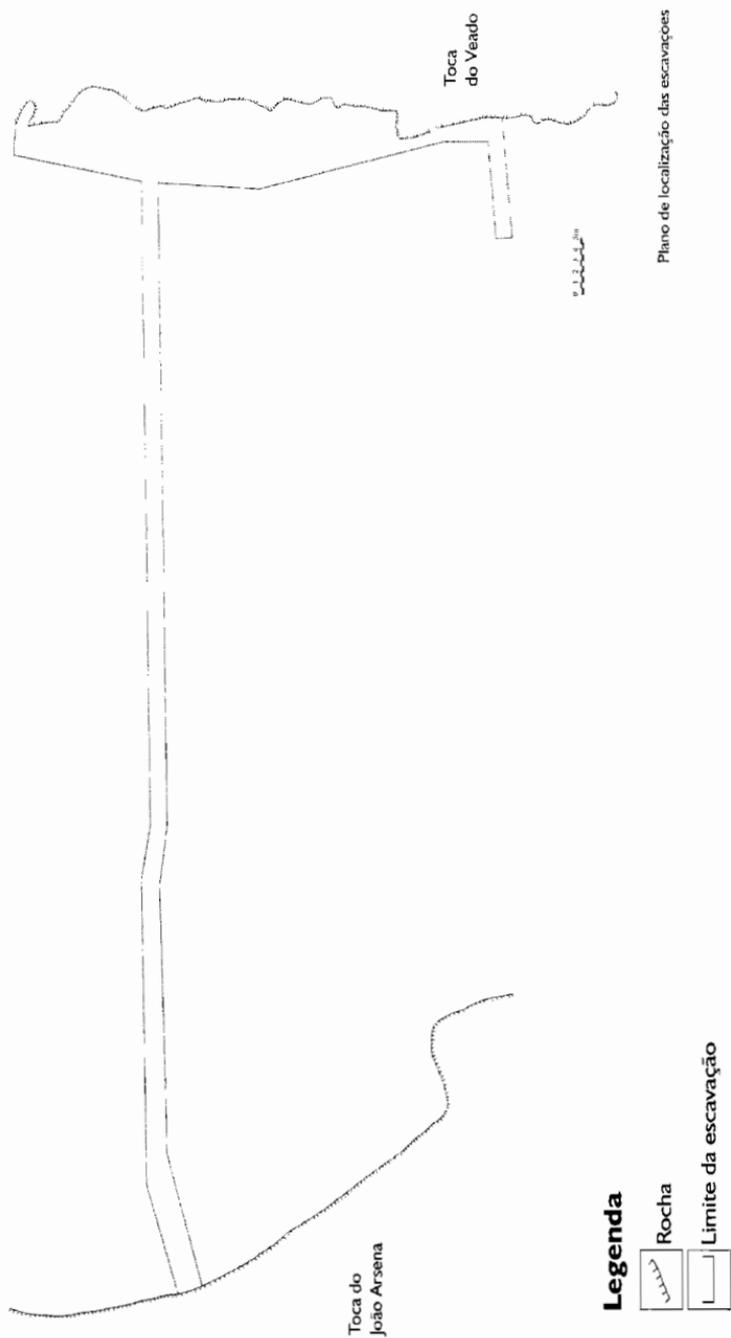
O resultado das escavações, como nos outros sítios escavados situados na margem dos vales hoje assoreados, demonstra que, durante a época pluvial, com chuvas tropicais torrenciais, a base rochosa do abrigo era lavada pelas águas durante a estação chuvosa. Somente depois que as chuvas diminuíram e as águas baixaram foi que se tornou possível a conservação de fogueiras, quando os sedimentos começaram a cobrir os vestígios deixados pelos ocupantes pré-históricos. Estão sendo datados carvões de fogueiras encontradas sobre a base rochosa que fornecerão a data do início da mudança climática.

O material arqueológico, proveniente das escavações, está sendo estudado. Aqui somente queremos citar os dados obtidos que demonstram que também na região da Serra Branca foi possível evidenciar a mudança climática.

Grande número de placas de arenito com restos de pintura foram recuperadas durante as escavações, e alguns dos painéis da parte baixa do sítio puderam ser, parcialmente, reconstituídos em um recinto preparado no interior do abrigo. As pinturas das paredes e do teto, que estavam cobertas pela areia, foram descobertas. Todo o conjunto foi limpo e consolidado pela equipe de Agentes de Conservação da FUMDHAM.

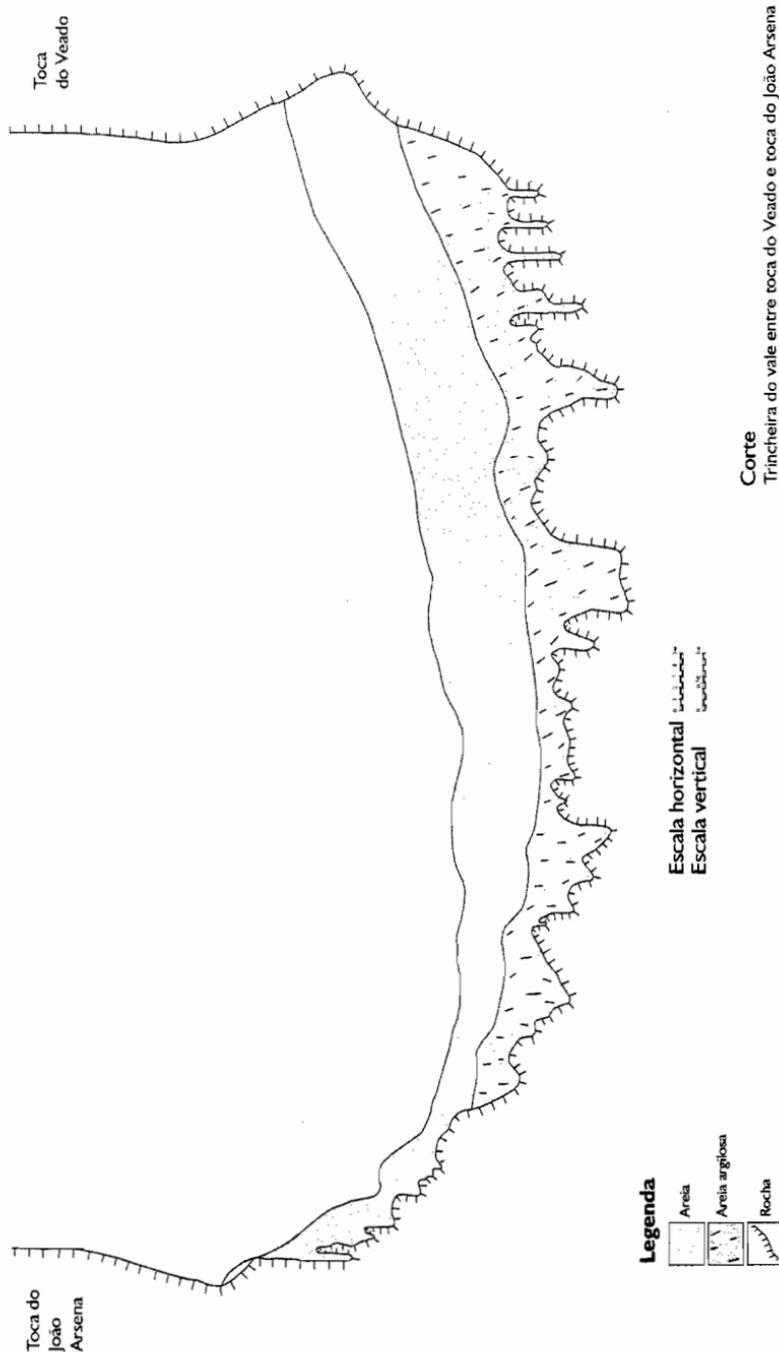
As sondagens realizadas na frente do paredão com os grandes veados pintados permitiu a descoberta de enormes blocos caídos do teto, com figuras pintadas. Isso demonstra que as pinturas foram feitas quando o painel era protegido por um teto que sobressaía do paredão e que caiu. Devemos prosseguir a escavação, mas teremos necessidade de utilizar grandes máquinas, para poder retirar

Tocas do Veado e do João Arsená
Figura. 7



Tocas do Veado e do João Arsená

Figura 8



todos os blocos, em busca de elementos que nos permitam datar a época da caída desse teto.

Na frente da parede com pinturas, na Toca do João Arsena, uma sondagem demonstrou que os grandes blocos localizados na frente das pinturas, também caíram depois que as mesmas haviam sido feitas. Uma escavação completa se impõe nesse sítio também.

A existência, na Toca dos Veados, de pinturas completamente enterradas pelos sedimentos arenosos, recentes, nos fez iniciar uma pesquisa ao longo dos paredões que delimitam as duas margens do antigo rio, bem como os paredões das ilhas. Limpamos uma trilha que segue ao longo das paredes rochosas, com 1 m de largura, retirando a vegetação rasteira, blocos caídos, formigueiros e cupinzeiros. Desse modo, expusemos a base da parede rochosa e, em uma semana de trabalho, já foram descobertos 5 novos sítios. Todos eles têm a parte alta da parede sem nenhuma pintura; encontramos figuras, cenas e painéis completos junto ao solo e, em alguns casos, em nichos e tetos que estão em contacto com o sedimento. Isso demonstra que o universo com o qual trabalhamos atualmente está longe de ser completo e que talvez seja possível estimar que 50% dos sítios com pinturas hoje estão cobertos pelos sedimentos. Sugerimos aos colegas que utilizem esta técnica de prospecção porque tal fato pode ter sucedido em outras regiões extremamente marcadas pela atividade agrícola.

Esses resultados demonstram a importância das escavações para o estudo das mudanças climáticas e para a reconstituição da paleogeografia da região. Um dado nos parece merecer especial atenção e ser eleito como um tema de pesquisa: os registros gráficos estão sempre em locais próximos à água.

Notas

* Pesquisas financiadas pelo CNPq e pela Embaixada da França

Niède Guidon - École des Hautes Études en Sciences Sociales (aposentada) e Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM - PI - Guidon@terra.com.br